

Кристин Дабат, Таис Кравейру¹
Christine Dabat, Thaís Craveiro

**Новая бразильская революция:
противостояние маоизма военной
диктатуре в Бразилии 1960-1970-х гг.
A new 'Brazilian Revolution': maoism to
struggle against militar dicatatorship in
Brazil (1960's – 1970's)
A Nova 'Revolução Brasileira': o maoísmo
para enfrentar a ditadura militar no Brasil
dos anos 1960 e 1970**

Аннотация: В мире, где Азия возвращает себе историческое место после двух столетий европейского и американского господства, что Кишоре Махбубани назвал «аберрацией», наследие традиций этого континента становится отличимым в интеллектуальной и политической жизни Латинской Америки. Маоизм был орудием передачи этих традиций

¹ **Кристин Дабат** – профессор Департамента истории Федерального унниверситета Пернамбуку; **Christine Dabat** – professor titular do Departamento de História da Universidad Federal de Pernambuco. (UFPE), mail: christine.rufino.dabat@gmail.com <https://orcid.org/0000-0002-5715-7098>

Таис Кравейру – аспирантка Челябинского государственного университета; **Thaís Craveiro** – post-graduate of the University of Chelyabinsk, mail: tha.craveiro@hotmail.com <https://orcid.org/0000-0002-4325-1307>

нескольким политическим течениям и поколениям членов компартии, AP и PCdoB. Помимо вопросов определения, тяга к идеям китайских коммунистов, победивших вопреки всем ожиданиям, открыла перспективы для осмысления революции в Бразилии в соответствии ее исторической самобытности, географической сложности и уровню развития. Обстоятельства, когда-то считавшиеся препятствиями, теперь представлялись как носители надежды: преобладание сельской экономики, борьба крестьянина будь то Крестьянские союзы на Северо-востоке или профсоюзы в Маринге (Парана) и другие. Другие примеры на континенте укрепляли этот выбор. Через десять лет после провозглашения КНР на Кубе также победило революционное движение, опиравшееся на сельскую местность. Стратегия «окружения города деревней» 1960-е годы приобрела распространение в другом масштабе, в национально-освободительной борьбе во Вьетнаме, Азии, Африке и Латинской Америке (Naxalitas, MPLA, Сендеро Луминосо). Бразильской революционной молодежи, заданной репрессиями военной диктатуры с 1964 г., особенно с принятием акта AI 5 в 1968 г., маоизм предложил новый горизонт. В дополнение к смене модели, и в искусстве проявились новые тенденции в бросающих вызов прошлому течениях, таких как феминизм, Маленькая Красная Книга (Цитатник Мао), даже распространяемая подпольно, стала вдохновляющим стимулом для борьбы и связующим звеном солидарности с другими маоистами во всем мире.

Ключевые слова: маоизм, коммунизм, Латинская Америка, Бразилия, молодежь, вооруженная борьба

Abstracts: In a world where Asia occupies again her historical role, after two centuries of European and North American domination – an “aberration”, according to Kishore Mahbubani –, the legacy of traditions from this continent in Latin American intellectual life and politics appears slightly. Thus maoism informed several political currents and generations of political activists, such as PCB, AP or PCdoB. Apart from definitions, they were interested

in the way of thinking of Chinese communists, unlikely winners, which opened perspectives as to how to conceive revolution in Brazil in a way more coherent with its historical originality, geographical complexity, and level of development. Aspects formerly seen as hindrances became beacons of hope: rural economic preponderance, especially peasant struggles in the Northeast or Maringa etc. Some examples from the continent favoured this bet. Ten years after the proclamation of the People's Republic of China, a Cuban revolutionary movement achieved power coming from the rural areas. The phrase “the countryside surrounds the city”, gaining power in the 1960's, seemed to be realized here as well as with national liberation wars in Viet Nam, Asia, Africa and Latin America (Naxalites, MPLA, Sendero luminoso etc.). For young Brazilian activists, under strong repression from the military dictatorship since 1964, especially with AI 5 in 1968, maoism offered a new horizon. Apart from the change in model, perspectives opened in the arts, or currents such as feminism etc., the Little Red Book (although clandestine) representing an incentive to struggle, and a solidarity link with other fighters around the world.

Keywords: maoism, comunism, Latin America, Brazil, youth, armed struggle

Resumo: Num mundo em que a Ásia está retomando seu lugar histórico, depois de dois séculos de dominação europeia e norte-americana - o que Kishore Mahbubani chamou de “aberração”- o legado de tradições oriundas deste continente na vida intelectual e política da América Latina deixa aparecer relevos discretos. Assim, o maoismo informou várias correntes políticas e gerações de militantes brasileiros, a exemplo do PCB ou da AP e do PCdoB. Além das questões de definição, a atração pelo pensamento dos comunistas chineses, vitoriosos contra todas as expectativas, abriu perspectivas para conceber a revolução no Brasil de forma mais coerente com sua originalidade histórica, complexidade geográfica e o nível de desenvolvimento. Pontos, outrora considerados empecilhos, apresentavam-se doravante como portadores de esperança: a predominância rural da economia, e particularmente as singelas lutas do campesinato,

seja no NE com as Ligas Camponesas, seja em Maringá (PR) com sindicatos, etc. Exemplos no continente confortavam esta aposta. Dez anos depois da proclamação da RPC, em Cuba vingava um movimento revolucionário também oriundo do campo. O lema segundo o qual “o campo circunda a cidade”, retomado com ênfase nos anos 1960, parecia se ilustrar aqui também como, em outra escala, nas lutas de libertação nacional no Viet Nam, na Ásia, na África e na América Latina (Naxalitas, MPLA, Sendero luminoso etc.). Para a juventude militante brasileira, sufocada pela repressão da ditadura militar desde 1964, particularmente com o AI 5 em 1968, o maoísmo oferecia um horizonte renovado. Além da mudança de modelo, vertentes se abriam do lado das artes, de correntes desafiadoras como o feminismo etc., o Pequeno Livro Vermelho (mesmo clandestino) sendo um incentivo à luta e um elo de solidariedade com outros militantes no mundo.

Palavras chaves: maoísmo, comunismo, América Latina, Brasil, juventude, luta armada.

DOI: 10.32608/2305-8773-2022-36-1-219-254

Um contexto de mutações

Num mundo em que a Ásia está retomando seu lugar histórico, depois de dois séculos de dominação europeia e norte-americana - o que Kishore Mahbubani chamou de “aberração”-, o legado de tradições oriundas deste continente na vida intelectual e política da América Latina deixa aparecer relevos discretos.

É o caso de movimentos, grupos ou partidos que se reclamavam do maoísmo, inclusive no Brasil. O maoísmo “como projeto revolucionário”² sério, apesar e além das várias interpretações oriundas na mentalidade de guerra fria, mas também da hagiografia. Num mundo dividido em blocos, mas sobretudo com a distinção entre países então chamados

² Afterlives of Chinese Communism, 2019. P. 3.

‘desenvolvidos’ e ‘sub-desenvolvidos’, a experiência vivida pela República Popular da China chamava a atenção.

Nos anos 1960 e 1970, não se tinha muitas informações a seu respeito. Ecos curiosos ressoavam na imprensa a respeito da Grande Revolução Cultural Proletária. Não se entendia bem ao que veio, pois nada filtrava da China, pelo menos para não especialistas. Obras como *Fanshen* de William Hinton e reedições das obras de Edgar Snow, particularmente *Estrela Vermelha sobre a China*³ fascinavam. Obras especializadas informavam sobriamente, mas não no Brasil, onde vigorava a censura desde o golpe militar.

Sob impulso vindo do Norte, no entanto, as revoltas estudantis no México, França e Tchecoslováquia incorporavam, objetos inéditos como o *Pequeno Livro Vermelho*, além dos próprios documentos divulgados pela Foreign Language Press de Peking (Beijing).

A abrangência dos alcances propostos pelo que foi chamado de maoísmo fazia titubear os conformismos, mesmo à esquerda do espectro político. “The consistent and lifelong, Marxist egalitarianism and promulgation of the ‘right to rebel, the severe critiques of the party-state bureaucracy (bringing it to the brink of collapse in the 1960s by launching the Cultural Revolution), of urban and elite dominance, and of capitalism and markets”.⁴

Ao mesmo tempo, a RPC lançava bomba atômica (1964 e 1967) além de satélites. Assim, sem seguir as receitas propostas por várias correntes, “the CCP, and the left achieved is truly remarkable in terms of human welfare and egalitarian growth in poverty, to say nothing of fending off a Cold War imperium”,⁵ com inevitáveis fracassos e erros ao longo do caminho. Pois – e deve ter sido um dos aspectos que mais

³ Até hoje, as obras de Snow e Hinton não tem tradução.

⁴ Vukovich, 2016. P. 2.

⁵ Ibid. P. 2.

atraiu militantes mundo afora – “Maoism transcends Mao and refers to new ways of thinking, speaking, and practicing politics that involved the participation of hundreds of millions of people. (...) Maoism was the shape Chinese communism took for a time, without the two ever fully coinciding.”⁶

Dilemas marxistas de interpretação e ação

Para países com uma predominância agrária, inclusive camponesa, a versão da história - portanto de seu dever - que vigorava nas correntes marxistas, era bastante desanimadora.⁷ A opção do Modo de Produção Asiático havia sido recusada terminantemente em 1931 pelo Comintern,⁸ inclusive por efeito de uma subjacente contaminação pela mitologia do ‘despotismo oriental’ cultivada pela intelligentsia da burguesia colonial europeia das ‘Luzes’ para descartar de vez eventuais incômodos rivais em matéria de “civilização” como o Império Otomano e os outros grandes impérios da Ásia.⁹ Eram presos ao modo de produção ‘feudal’.

O rumo revolucionário que a Rússia-URSS, tal como adaptado pelos bolcheviques, para chegar a conduzir a Revolução de Outubro ao socialismo, continuou a manter este país, e conseqüentemente muitos outros como a China, Índia e Turquia (âmbitos mais citados nos debates do que a América Latina ou África), numa sequência de modos de produção que induzia políticas muito concretas de alianças para o proletariado e campesinato pobre. O caso mais emblemático, desde os debates dos anos 1920 entre N.M. Roy e Lenin, dizia precisamente respeito ao papel da burguesia nacional.

Neste sentido, foi decisiva a presença e atuação de enviados

⁶ Afterlives of Chinese Communism, 2019. P. 2.

⁷ Lowe, 1967.

⁸ Arico, 1987. P. 341.

⁹ Etiemble, 1989.

do Comintern na própria China para reorganizar o partido nacionalista Guomindang – representando a burguesia nacional – e os comunistas dentro dele (embora o PCCh mantivesse sua própria organização). Consagrado foi o passado ‘feudal’,¹⁰ tornado semi-feudal, semi-colonial – “a conceptual innovation of Maoist dialectics and a strategic approach to people’s war”¹¹ - para o período pós guerras do ópio, a partir da investida colonial iniciada com nacrotráfico explícito da Grã Bretanha, França e outras potências.

Após a Primeira Guerra Mundial, constatou-se que a revolução mundial não viria do ocidente europeu, os povos colonizados passariam, portanto, a ter um papel decisivo. Firmou-se a proposta estratégica de formação de um “bloco de quatro classes”: para enfrentar o ‘feudalismo’ cúmplice do capital colonial, o proletariado (sempre pensado como urbano industrial, de preferência masculino e adulto, contrariamente aos fatos em qualquer âmbito geográfico da época) e as massas camponesas, deveriam se aliar à pequena burguesia e à chamada “burguesia nacional”.

A identificação desta última constituiu uma dificuldade e incorreu em catástrofes como o golpe de Chiang Kai-shek, a partir de 1927. Mesmo depois dos massacres e derrota flagorosa das forças progressistas, o debate permaneceu, mesmo nos recônditos do Jiangxi, uma região refúgio, montanhosa na fronteira de várias províncias, segundo a tradição das grandes rebeliões camponesas chinesas.

Frente a derrotas sucessivas e custosas, o modelo oficial imposto pelos ‘28 bolcheviques’¹² e outros dirigentes ávidos de ortodoxia cominterniana – afinal, os russos haviam realizado uma Revolução que, pelos padrões da 2ª

¹⁰ A definição de ‘feudal’ corresponderia, no vocabulário dos medievalistas, a de senhorial. Dabat, 1995.

¹¹ Barlow, 2019. P. 237.

¹² Bernal, 1987. P. 390.

Internacional, teria sido absolutamente improvável – foi deixada de lado, na prática. Pois a letra da ortodoxia permaneceu intocada.

A sinização do marxismo, como foi chamada a solução de sobrevivência, encontrada pela tendência dirigida por Mao Zedong para avançar na luta, apesar dessas sucessivas e sangrentas derrotas, poderia talvez ser considerado como algo da ‘bilinearidade’, defendida por L. V. Madyar, entre outros.¹³ Hoje, sealaria em “plurilinearidade”, e talvez foi assim percebido no resto da Ásia, na África e na América Latina, nos anos 1960 e 1970. Pois, as diretrizes da luta na China inspiravam-se também da longa tradição camponesa local de sublevações capazes de alterar o curso da história a ponto de derrubar dinastias reinantes... quando vitoriosas, obviamente, ponto que Jacques Gernet sublinha.¹⁴

O fato de que, na concepção clássica da história chinesa, os camponeses, mesmo revoltados, tivessem a reconhecida capacidade de criar historicidade – uma competência que o Ocidente, ruofóbico por definição assumida,¹⁵ lhes negou sempre¹⁶ – confortava a estratégia (além da dura necessidade) de partir do campo para circundar as cidades. A valoração do rural, de suas tradições e experiências foi um dos aspectos mais mencionados por observadores estrangeiros. Até mesmo o comportamento “camponês” de Mao Zedong, embora formado na tradição letrada – “era um bom calígrafo e gostava de escrever poesia”¹⁷ – que cultivava atitudes e formas de expressão locais: “Quando falava com as pessoas, raramente citava literalmente os textos marxistas, mas utilizava

¹³ Arico, 1987. P. 333.

¹⁴ Gernet, 1972.

¹⁵ Dabat, 2010.

¹⁶ Ver as dificuldades dos intelectuais franceses frente aos ‘gilets jaunes’, reiterando o vocábulo ‘jacquerie’.

¹⁷ Snow, 1978. P. 239.

elementos do folclore ou de histórias conhecidas de todos”. Snow menciona o famoso romance “A beira d’água”.

A sedução do maoísmo para sociedades não chinesas

Esta reabilitação das tradições locais de luta não poderia deixar de agradar a muitas lideranças mundo afora, por valorizar as competências dos universos culturais vassalizados, folclorizados ou reprimidos pelas potências coloniais e seus aliados “endocoloniais”.¹⁸ Em termos teóricos, este grupo de dirigentes comunistas chineses havia conseguido “adaptar qualquer diretriz soviética” e realizar análises históricas marxistas aceitáveis pela experiência nativa”.¹⁹ Portanto, “What came to be known as Maoism can be understood as a conceptual vocabulary and way of thinking about, and putting into practice, the idea of communism in the conditions inherited (...) Maoism was not an abstract doctrine, but a living body of ‘thought’ (sixiang) requiring the deployment of theory in practice, and the reformulation of theory based on the lessons generated by practice. In its attempt to translate and adapt Marxist doctrine to rapidly changing Chinese contexts, Maoism invented new ways of thinking and practising politics—of being political—which circulated far beyond China’s borders.”²⁰

O sucesso foi igualmente um argumento. Muito concreta e militarmente, na 2ª guerra mundial, a guerrilha comunista foi capaz de fixar no norte grandes contingentes de tropas japonesas. Na guerra civil subsequente, que desembocou na fundação da República Popular da China, o modelo maoísta de mobilização do povo – o “mar” da metáfora famosa – para que apoie as forças de libertação, exército e milícias locais,

¹⁸ Termo utilizado por Africa News, 2022.

¹⁹ Snow, 1978. P. 240.

²⁰ Afterlives of Chinese Communism, 2019. P. 2.

conheceu um êxito que ninguém previa.

Este traço pertencente propriamente ao mundo chinês – a queda de uma dinastia sendo arbitrada pelo campesinato descontente pela imperícia das autoridades, e capaz de intronizar novos governantes que tomavam medidas para corrigir, por exemplo, a concentração fundiária frequente em épocas de decadência – foi uma luz no fundo do túnel para muitos revolucionários num mundo ainda predominantemente agrário. Era possível escapar do rumo custoso ao – inatingível – “progresso” (doravante “desenvolvimento”) urbano-industrial, proposto-imposto como único horizonte pela burguesia ocidental a todo mundo (inclusive regiões da própria Europa, tidas como ‘atrasadas’: o Mezzogiorno italiano ou o Midi francês, por exemplo).

Esta “crença ocidental”, como o demonstrou Gilbert Rist,²¹ não só era uma mitologia de classe, como privava qualquer humanidade – fora os “eleitos”, entende-se burguesia ocidental (no sentido difusionista de James Blaut²²) – de possibilidade de criar um futuro melhor para todo mundo, o que constitui, afinal, o horizonte da Revolução. Pois o “bonde” da história não oferecia alternativa a não ser correr eternamente atrás dele, sem jamais o alcançar.

Como o escreve Vukovich, “Maoism was an event all across Asia and the developing world. (...) Maoism was the most political movement in history. Its all-encompassing vision was rooted in the peasant, rural, and specific Third World contexts of the real world yet insistent upon the agency of “the masses” and the imminent possibility of the future: that revolution is no crime and another world is possible. This also explains why Maoism – far more than, say, Trotskyism or anarchism – has influenced so many different revolutionary

²¹ Rist, 1997.

²² Blaut, 1993.

movements in the last and present centuries, from Peru and Chiapas to Vietnam, Cambodia, Nepal, and India.”²³ E a América Latina, como na Argentina.²⁴

Exemplos no continente confortavam esta aposta. Dez anos depois da proclamação da RPC, em Cuba, vingava um movimento revolucionário também oriundo do campo. O lema segundo o qual “o campo circunda a cidade”, retomado com ênfase nos anos 1960, parecia se ilustrar aqui também. O exemplo vietnamita, muito presente na grande imprensa, abastecia também os movimentos de esquerda, a exemplo do livro *Guerra do povo: exército do povo* do grande estrategista Vo Nguyen Giap.²⁵

Sucessos da República Popular da China

A fama da Revolução chinesa conseguir o que todos os observadores – mesmo os mais amigáveis – consideravam impossível, continuara depois da proclamação da República Popular, sem Plano Marshall, nem soviético. Especialistas estrangeiros, como Bettelheim, Charrière e Marchisio,²⁶ entre outros, detalharam a prodigiosa decolagem socio-econômica chinesa, a começar pela prova do aumento considerável da esperança de vida que estava mais baixa do que na Índia – reputada pauperma, e tornada tal pela colonização britânica.²⁷

Samir Amin fez um balanço ilustrado de dados e gráficos eloquentes.²⁸ Ele repertoria os aspectos positivos que são

²³ Vukovich, 2016.

²⁴ Rupar, 2016.

²⁵ Amorim, 2014. P. 252.

²⁶ Bettelheim, Charrière e Marchisio, 1971.

²⁷ Tharoor, 2016.

²⁸ Amin, 1986. P. 65 e 75, por exemplo. É interessante comparar a representação gráfica do crescimento do PIB para o período 1950-80 (Gráfico II, p. 75) com os equivalentes atuais disponíveis em muitas páginas da internet: os últimos deixam, para o mesmo período, a curva de

inegáveis para os três primeiros decênios: o papel da agricultura que financiou o desenvolvimento, inclusive da indústria. Ele sublinha uma novidade na história recente da China: “o Estado se absteve de qualquer tributação contínua e obrigatória, brutal e de porte, sobre os camponeses”, enquanto mantém “uma relativa igualdade de salários, uma garantia mínima aceitável, um certo controle sobre a organização do trabalho pelos trabalhadores”²⁹ que se ilustrou em episódios da Revolução Cultural,³⁰ ofuscados pelos relatos das exações cometidas.

O autor não faz mistério dos limites e falhas observados como a tentação de usar métodos brutais, a difícil prática democrática, inclusive frente a uma “concepção da planificação que priva a iniciativa e o controle dos trabalhadores de seu campo real de ação”.³¹

Talvez fosse interessante reportar esta dimensão de erros – inegáveis e criticados pelos próprios chineses – à violência (para usar um termo geral) enfrentada pelos que se inspiravam do maoísmo: frente aos exércitos e polícias coloniais; ditatoriais nos países formalmente independentes; e mesmo frente à aplicação impiedosa do ‘apartheid’ policial e judicial nas metrópoles coloniais (como os USA ou a França), com sequelas que persistem até hoje, embora seus dirigentes continuem a arguir de um modelo ‘democrático’ que são incapazes de aplicar a seus próprios territórios.

Outro ponto que atraiu muito os jovens do Brasil, entre outros países, foi como a China “conseguiu (...) manter e

crescimento colada na base da abcissa, embora grandes mudanças ocorressem como a garantia de alimentação, vestuário, educação básica e atenção elementar à saúde para uma população que dobrara.

²⁹ Amin, 1986. P. 90.

³⁰ Longobardi, 2018.

³¹ Amin, 1986. P. 92

consolidar sua autonomia nacional.”³² Samir Amin, egípcio vivendo no Senegal, chama a atenção para elementos cruciais: a RPC “instalou, sem auxílio externo, um sistema industrial completo, dando-lhe uma capacidade de defesa nacional e um poder de negociação internacional que não são negligenciáveis.”³³

O maoísmo como fenômeno cultural em escala mundial

O maoísmo, uma “leitura chinesa” do pensamento marxista-leninista, esteve muito presente no cotidiano dos chineses, sobretudo no período que correspondeu aos anos da Grande Revolução Cultural Proletária (1966-1976). Se traduzia por uma valorização da personagem de Mao Zedong,³⁴ com um culto à personalidade, muitas vezes, materializada através dos cartazes de propaganda, dos slogans, dos livros e dos filmes, sendo o cinema e as óperas os principais meios de propaganda.

As formas culturais foram assim veículos importantes e eficientes para a divulgação das ideias socialistas para o conjunto do povo chinês durante os primeiros decênios da República Popular. A população era majoritariamente agrária e analfabeta, oprimida por séculos através das estruturas de classe do milenar império chinês e, no Século da Humilhação, dos processos de colonização promovidos pelos imperialismos ocidental e japonês. Alfabetizar uma população numerosa e educá-la politicamente, foi uma tarefa árdua e de grande prioridade para o recém-formado governo socialista chinês, estendendo as experiências anteriores dos soviéticos e zonas libertadas, ao conjunto do país.

³² Ibid. P. 91.

³³ Ibid. P. 91.

³⁴ Só foi em 1942 que ‘Mao Zedong’ foi “explicitamente apresentado como o chefe e o teórico da revolução chinesa”. Bernal, 1987. P. 397.

O maoísmo, como foi visto, tornou-se referência para outros movimentos políticos durante os anos 1960. Na França, jovens estudantes bradavam frases do presidente Mao, extraídas do *Pequeno Livro Vermelho*. No cinema francês, Jean-Luc Godard abordava em seu filme *A Chinesa*, o pensamento maoísta de forma alegórica, através de um grupo de jovens que discutiam as formas de se executar a revolução socialista. No continente africano, lutas por independência eram apoiadas pela República Popular, e os ensinamentos de Mao estavam presentes através de seus escritos e nos cartazes de propaganda.³⁵ Até mesmo na América Latina, assolada por ditaduras militares, o pensamento maoísta foi, em alguns momentos, apontado como método eficaz para combater o crescente fascismo latino-americano.

Este eco cultural foi, portanto, uma característica de propagação do pensamento maoísta em todo o mundo, principalmente a partir das primeiras efervescências, em 1964, da explosão da Grande Revolução Cultural Proletária, em 1966.³⁶ O caráter internacionalista nas formas artísticas privilegiadas foi uma de suas principais características. O uso das artes ocidentais combinadas com tradições artísticas chinesas criaram uma linguagem nova, atraente e didática, que visava difundir a importância da luta das classes sociais oprimidas.

Entre os maiores exemplos desta nova linguagem artística, os balés filmados *A Garota dos Cabelos Brancos* (1971), e *Destacamento Vermelho de Mulheres* (1971). Na Nova China,

³⁵ No site <http://chinese posters.net/> é possível acessar diversos pôsteres das campanhas promovidas pelo PPCh.

³⁶ Clark, 2008, propõe o início nas origens políticas (em 1966), resultantes da reposta à impopularidade de Mao após as consequências desastrosas do Grande Salto Adiante de 1958; e a segunda vertente, baseada nas origens culturais, a partir de 1964, filmes e peças de teatro foram criticados pela imprensa chinesa. (Clark, 2008. P. 18).

as mulheres possuíam a metade do céu,³⁷ e toda a classe camponesa lutava pela emancipação. Constituíam o ‘mar’ no qual avançavam os peixes’ do exército revolucionário. Como mencionado, uma nova perspectiva de luta para outros povos predominantemente agrários, fugindo da regra ocidental de que somente a classe operária urbana faria a revolução.

Essas obras foram um grande sucesso não somente na RPC, mas também fora dela. A execução, com excelência e perfeição da técnica do ballet clássico - ensinado na China por especialistas soviéticos - em fusão com as artes tradicionais chinesas, foi um nítido resultado do slogan comunista *gu wei jin yong yang wei zhong yong* (古为今用, 洋为中用), que significa ‘usar o antigo para o presente, e as coisas estrangeiras para a China’.

As diretrizes culturais do PCCh se apoiavam no apelo popular de diversas artes chinesas e estrangeiras para construir narrativas heroicas de um povo rumando para o socialismo. Precisavam ser facilmente absorvidas, não somente pela população local, mas também por povos de outros países. Os filmes em questão são exemplos do lema supracitado e combinam recursos estéticos ocidentais, como por exemplo o ballet clássico, com elementos orientais como teatro operístico chinês, resultando em uma estética original para o cinema.

A participação ativa de Jiang Qing é outro aspecto da Revolução Cultural pela turbulenta trajetória política que teve seu auge durante a “última grande revolução de Mao”. Atriz de teatro e de cinema em filmes secundários, nos anos 1930, esteve envolvida nas movimentações de esquerda e no PCCh.

³⁷ Referência à famosa frase cuja autoria é atribuída a Mao: “As Mulheres Detêm a Metade do Céu (*funu neng ding banbian tian* 妇女能顶半边天)”, que era complementada por outro famoso slogan: “os tempos mudaram, tudo o que os homens podem fazer, as mulheres também podem (*Shidai bu tong le, nannu dou yi yang* 时代不同了, 男女都一样).”

Em 1938, casou-se com Mao, com a condição de permanecer afastada da vida pública, embora contribuindo à construção da China socialista. Às vésperas da Revolução Cultural, Jiang Qing emergiu publicamente para apoiar as novas diretrizes revolucionárias de Mao. Assumiu pessoalmente as produções das chamadas *obras-modelo*, apontando para a necessidade de criação de óperas e peças teatrais, sem perder de vista a perspectiva do materialismo histórico, “fazendo com que o passado servisse ao presente”.³⁸

Em seu discurso sobre a necessidade de se modernizar as óperas chinesas frente à nova realidade socialista da China, Jiang Qing enfatizou que: “Artistas comem alimentos cultivados pelos camponeses, vestem roupas feitas pelos trabalhadores, vivem em casas construídas pelos trabalhadores, enquanto o Exército Popular de Libertação guarda a linha de frente da defesa nacional para nós – e, contudo, não fazem nenhum esforço para retratá-los. Devemos perguntar: que tipo de posição de classe os artistas ocupam? Onde está a “consciência” do artista que tantas vezes eles falam sobre?”³⁹

Este legado cultural continuou a ecoar na China até o final do século. As obras-modelos foram resgatadas, em um primeiro momento, como objetos de estudo acadêmico durante os anos de 1980 e, no decênio seguinte, passaram a ser reformuladas e ganharam novamente os palcos, em turnês mundiais que lotaram teatros, constituindo, apesar das previsíveis críticas das mídias ocidentais, um grande sucesso. Além disso, como aponta Cecília Mello⁴⁰ em suas pesquisas sobre a sexta geração de cineastas chineses, a Revolução Cultural passou a ser abordada por esta cinematografia como um lugar de memória individual e coletiva, revisitando um passado revolucionário diante de um presente em que o país

³⁸ Apud Craveiro, 2022. P. 135.

³⁹ Jiang Qing, 2010. P. 456.

⁴⁰ Mello, 2019.

emerge como uma grande potência econômica mundial.

No Brasil, a maior expressão da Revolução Cultural chegou aos militantes brasileiros através do *Pequeno Livro Vermelho* de Mao Zedong⁴¹. No regime militar ditatorial, órgãos de censura regulavam as produções artísticas e sua distribuição. Deste modo, o livro organizado por Lin Biao para a formação política dos soldados só podia circular de forma muito discreta ou até em grande clandestinidade.

“No Brasil, além da efervescência cultural que fez florescer movimentos como o Cinema Novo, o teatro de Arena e o Tropicalismo, houve o recrudescimento do regime militar, que culminou com o AI-5. O assassinato do estudante secundarista Edson Luís de Lima pela Polícia Militar, no restaurante *Calabouço*, deu início a uma onda de manifestações e protestos que marcou o ano de 68. Ao mesmo tempo, proliferavam organizações revolucionárias como a Aliança Nacional Libertadora (ANL) e a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR). O próprio presidente Costa e Silva, após a “Passeata dos Cem Mil”, em que estudantes, artistas e intelectuais desfilaram aos gritos de “Abaixo a ditadura”, exclamou: “*Não permitirei que o Rio se transforme numa nova Paris!*” em clara referência aos “acontecimentos de Maio” na França”⁴².

A Revolução Cultural chinesa trouxe novos ânimos para as militâncias de esquerda no mundo todo. A tradução do *Pequeno Livro Vermelho* para diversos idiomas e distribuição

⁴¹“Ressalta-se a participação ativa de Lin Piao, em todas as reformas propostas, sendo ele o responsável por ter apresentado à Comissão de Assuntos Militares uma série trechos retirados dos textos de Mao Tsé Tung que deveriam fazer parte das mochilas entregues aos jovens soldados chineses. Esta série, portanto, foi a base do livro lançado em 1 de agosto de 1965 intitulado *Citações do Presidente Mao Tsé Tung* que, por ter sido encadernado com capa vermelha, terminou sendo conhecido no Ocidente como o *Pequeno Livro Vermelho*”. (2017, Cunha et al. P. 122-3).

⁴² Cunha et al., 2017. P. 127.

em vários países, fez com que as ideias do presidente Mao circulassem em maior escala fora da República Popular. No Brasil, as cisões dentro dos partidos comunistas promoveram o estudo assíduo da obra por militantes que aderiram ao maoísmo.

O maoismo no Brasil: Partido Comunista do Brasil⁴³ e a Ação Popular

Assim, o maoismo informou várias correntes políticas e gerações de militantes brasileiros, a exemplo do PCdoB ou da AP. Além das questões de definição, a atração pelo pensamento dos comunistas chineses, vitoriosos contra todas as expectativas, abriu perspectivas para conceber a revolução no Brasil de forma mais coerente com sua originalidade histórica, complexidade geográfica e o nível de desenvolvimento. Outrora considerados empecilhos, traços fortes da sociedade brasileira eram portadores de esperança: a predominância rural da economia, e as lutas do campesinato.

Para a juventude militante brasileira, sufocada pela repressão da ditadura militar desde 1964, o maoismo oferecia um horizonte renovado. Além da mudança de modelo, vertentes se abriam do lado das artes, de correntes desafiadoras como o feminismo etc., o *Pequeno Livro Vermelho* (mesmo clandestino) sendo um incentivo à luta e um elo de solidariedade com outros militantes no mundo.

Na trajetória teórica do PCdoB,⁴⁴ “é possível perceber influências da Revolução Chinesa e do maoísmo na linha política do Manifesto de Agosto (1950-1958).” O autor enxerga um rumo na identificação do “mundo rural e o movimento social dos camponeses” como “atores principais na

⁴³ Há contenda sobre a denominação; essa foi a primeira, retomada pelos dissidentes, no início dos anos 1960.

⁴⁴ Ribeiro, 2009. P. 2.

luta revolucionária e construção do socialismo”, na China. O Partido “entendeu que o Araguaia reunia ‘as condições objetivas’ para a deflagração de um movimento guerrilheiro.”⁴⁵ Curiosamente, autoridades militares pareciam concordar: “A luta no Araguaia poderia ter mudado o país de forma irreversível. Foi a maior ameaça de todos os tempos.”⁴⁶

Com nobres exceções como Caio Prado Jr, o “feudalismo” que o autor de *A Revolução Brasileira* recusava, foi adotado em alto escalão do PCB, uma postura privilegiando o meio urbano na promoção do movimento revolucionário (até no recrutamento dos guerrilheiros⁴⁷). Mas sem a adaptação cultural que fora efetivada na China. Um momento chave, pelo menos a nível teórico, foi o IV Congresso do PCB que confirmou a característica “sociedade semicolonial e semifeudal”,⁴⁸ implicando a formação da aliança consagrada por Stalin como bloco de quatro classes.

Antes do golpe, vigorava na esquerda a ideia de conseguir tal resultado – a derrota do latifúndio e do imperialismo – por formas e meios pacíficos⁴⁹ ou seja, legais. Neste sentido, após a promulgação do ETR em março, foi fundada a CONTAG, em dezembro de 1963, junto com a proposta de Reformas de

⁴⁵ Amorim, 2014. P. 24.

⁴⁶ Apud Ibid. P. 28.

⁴⁷ Jovens comunistas precisaram de seu apoio explícito para continuar o trabalho de base na zona canavieira pernambucana onde as Ligas Camponesas já estavam em franca ascensão. Socorro Ferraz e Fernando Barbosa, por exemplo, atuaram de forma decisiva na formação e no rumo tomado pela Cooperativa de Tiriri, inaugurada em 1963, no governo Miguel Arraes, no auge do movimento camponês contando as Ligas Camponesas de Francisco Julião e os Sindicatos de Trabalhadores Rurais sob orientação comunista – na Mata Sul - Trotskista em Itambé, e católica pós-Vaticano II na Mata Norte. Gallindo, 2010. Abreu e Lima, 2005. Dabat, 2007.

⁴⁸ Reis, 2002. P. 77.

⁴⁹ Ibid. P. 86.

Base do governo Jango, compreendendo uma tímida proposta de Reforma Agrária. Embora não oficialmente maoistas, com laços mais diretos com Cuba (o que parecia não ser um impedimento), as Ligas Camponesas, na sua fase propriamente rural, após 1955, apareciam como os prenúncios de um movimento comparável ao que havia transformado a China. Parte do PCB não desistia entretanto da atuação no campo, a exemplo da liderança de Gregório Bezerra no sindicato de Palmares, na Mata Sul de Pernambuco, que abrangia boa parte dos municípios da região.⁵⁰ Ao mesmo tempo, os movimentos sociais atingiam cada vez mais categorias de trabalhadores: têxteis, metalúrgicos, gráficos, ferroviários etc. mas também comerciários e até rurais.⁵¹

Foi suficiente para desencadear os efeitos nefastos da aliança do “reacionarismo das forças que haviam empalmado o poder com Dutra. O antidemocratismo básico dos liberais brasileiros. O visceral anticomunismo das elites bem pensantes, intoxicadas pelas próprias campanhas caluniosas. O medo de um crescimento ainda mais acentuado dos comunistas num futuro próximo, o que inquietava até mesmo os aliados trabalhistas, além de outras forças de esquerda”.⁵² O golpe militar irrompeu.

O contexto mundial, no entanto, apontava por muitos exemplos de resolução mais próximas do modelo chinês, como foi o caso em Cuba (proclamada socialista em 1961), na Argélia (fim da guerra em 1962), sem falar do Vietnã onde continuava, na parte sul, a luta contra o imperialismo, enquanto o norte do país efetuavam-se transformações sociais profundas com Reforma Agrária e coletivização.

Resistências durante a ditadura militar (1964-1985)

⁵⁰ Abreu e Lima, 2005.

⁵¹ Abreu e Lima, 2014. P. 18-20.

⁵² Reis, 2002. P. 75.

Lideranças e militantes do PCdoB, bem como da AP, no meio urbano,⁵³ utilizavam o *Pequeno Livro Vermelho* como guia de conduta, “uma estratégia baseada na teoria maoísta da Guerra Popular Revolucionária, que “defendia duas etapas na revolução (anti-imperialista e socialista) e a formação de um exército guerrilheiro sob o comando de um partido marxista-leninista.”⁵⁴ As autoras continuam: “A AP, uma organização política saída dos setores progressistas ligados à Igreja Católica, seguia uma orientação marxista-leninista que tinha muita influência dos escritos de Mao Tsé-tung, inclusive do Livro Vermelho, conforme atesta Tereza Costa Rêgo: “quase todos tinham grande influência maoísta: os dirigentes, o pessoal que fundou o PCdoB, a AP. (...) O Livro parece que tinha resposta para tudo. (...) As frases de Mao tinham muita importância, eram vistas como regras para serem seguidas”⁵⁵

A história oral permite reconstituir a prática dos militantes que, como Lília Gondim, lembra: “Todo dia, nós líamos o Livro; todo dia pegávamos um textinho daquele para ler; todo dia, todo dia, todo dia. Ele orientava toda a prática do movimento estudantil, e fora do movimento também. (...) Nós líamos para conhecer realmente o pensamento, como funcionava a ideologia. E os textos, todos os textos partidários, sempre se referiam, sempre tinham alguma citação do Livrinho, sempre se referiam a alguma citação do livro.”⁵⁶

Guia para a ação, os militantes eram encorajados a “‘servir ao povo’, muito presente no livrinho de Mao, nos impressionava demais. Esse ‘servir ao povo’, ‘estar a serviço do que interessa ao povo’ era uma coisa tão forte que até para atravessar a rua o ‘popular’ tinha prioridade. Chegava a ser

⁵³ Havia atuação singela no campo, reuniões no meio dos canaviais, como conta Delzir Antônio Matías.

⁵⁴ Paes, 1995. P. 65.

⁵⁵ Cunha et al., 2017. P. 130.

⁵⁶ Cunha et al., 2017. P. 131.

exagero, mas era assim que a sua cabeça funcionava. (...) Até hoje, nas universidades mesmo, você tem a referência dos ‘tigres de papel’. Aquela famosa frase ‘o imperialismo é um tigre de papel, terrível na aparência, mas na realidade não é tão perigoso assim’. Essa foi uma das ideias que ficou muito marcada na memória.”⁵⁷

Esta prática era incentivada pelas autoridades máximas do partido como Pedro Pomar. Assim, em 1968, no jornal clandestino *A Classe Operária*:⁵⁸ “As vitórias da Revolução Cultural Proletária na China constituem valioso alento à luta da classe operária e dos povos oprimidos por sua independência, pela democracia e o socialismo. Significam, ao mesmo tempo, contundente derrota para a coalizão mundial contrarrevolucionária do imperialismo, da reação e do revisionismo contemporâneo. (...) Os comunistas brasileiros, que receberam com entusiasmo os grandes êxitos da Revolução Cultural Proletária, procuram estudar seus ensinamentos e divulgar suas experiências. Ao mesmo tempo, erguem, cada vez mais alto, a bandeira vermelha do pensamento de Mao Tsé-tung, que descortina para nosso povo o caminho da revolução e da guerra revolucionária de libertação.”⁵⁹

Ademais, vários dirigentes haviam permanecido na China, como o líder camponês do Maranhão Manoel da Conceição, Haroldo Lima e Aldo Arantes entre os mais conhecidos.

As regiões Sudeste e Sul, e as relações com o maoísmo

O PCdoB elaborou novas forma de resistência e combate à ditadura, expressas no documento “O Golpe de 1964 e seus

⁵⁷ Lilia Gondim, P. 132.

⁵⁸ Relançado, em 1962, pelo PC do B.

⁵⁹ “Grandes êxitos da Revolução Cultural”. Apud Cunha et al., 2017. P. 133.

ensinamentos” (1964), no qual a luta armada foi escolhida como forma de enfrentamento.⁶⁰ No entanto, “o partido esbarrou num empecilho, com o qual conviveria durante toda a década de 60, que se refere à coexistência no seio do Partido de duas propostas: uma que preconizava a ideia da ação ligada às massas e a outra que acreditava numa política de enfrentamento com a ditadura”⁶¹.

Essas duas propostas também resultaram em divergências internas e algumas rupturas no PCdoB, no ano de 1966, com a formação do PCR- na região Nordeste, e no PCdoB – AV (Ala Vermelha) nas regiões Sudeste e nos Estados da Bahia⁶² e do Ceará. Certas discussões internas do PCdoB podem ser associadas a contatos que alguns de seus militantes tiveram com o PCCh através de visitas à China, inclusive pouco tempo antes do golpe militar. Foram enviadas delegações nos anos de 1964, 1965 e 1966, quando a Revolução Cultural já havia começado.

Os militantes da Ala Vermelha passaram a questionar e criticar as políticas internas do partido e suas bases de organização.⁶³ Essa insatisfação foi expressa no documento “Por um grande debate revolucionário em nosso partido”, lançado em 1966 na esteira das diretrizes do PCCh na condução da Revolução Cultural.⁶⁴ Outros documentos evidenciavam essa predominância: “A partir do ano de 1967, foi possível encontrar a presença, cada vez maior, de aspectos do maoísmo e sua teoria nos documentos do PC do B (AV). Como exemplo disso, a publicação do Jornal Guerra Popular a partir de outubro de 1967, a criação de um grupo de estudos

⁶⁰ Santana, 2011, p. 1.

⁶¹ Salles, 2000, apud Ibid. P. 3.

⁶² Santana, 2008.

⁶³ Santana, 2011.

⁶⁴ A autora menciona a ida à China do dirigente Aldo Arantes em plena Revolução Cultural. Santana, 2008. P. 89.

pelos militantes voltado para a instrução de quadros com base na teoria maoísta, que recebeu o nome de “*Grupo de Estudos das Obras do Presidente Mao Tze-Tung*” e a publicação de vários textos de Mao, a partir de 1968”.⁶⁵

A Ala Vermelha atuou na região Sudeste, com foco na mobilização por meio da “integração à produção”,⁶⁶ tanto rural quanto urbana. No trabalho de base nos bairros fabris e vilas operárias, assim como favelas e lugares de maior vulnerabilidade social,⁶⁷ encontraram dificuldades de adaptação, inclusive financeiras.⁶⁸ Embora o motivo dessa mudança fosse evitar que o modelo maoísta fosse transplantado mecanicamente para a diversa realidade rural e urbana brasileira, surgiu esta crítica:⁶⁹ “Os militantes da Ala Vermelha se vincularam às massas operárias passando a viver, comer e trabalhar como eles com o objetivo de se aproximarem da sua realidade para transformá-la através de um trabalho de conscientização por meio de uma educação política (...) mobilizando-os na luta contra a ditadura militar”.⁷⁰

Na região Sul, a Ação Popular (AP, fundada em 1963, com contato com chineses no Seminário do Estudante do Mundo Subdesenvolvido, em Salvador em julho do mesmo ano⁷¹) atuou principalmente na cidade de Maringá, Paraná, adotando as ideias maoístas entre 1967 e 1968. Em seu Documento Base lançado no 1º congresso, ela tinha como objetivo: “a busca de ideologia e caminhos próprios, procurando forjar uma espécie

⁶⁵ Santana, 2011.

⁶⁶ Santana, 2008. P. 60.

⁶⁷ Esta mudança estratégica foi anunciada no documento “Autocrítica (1967-1978)”. Santana, 2011. P. 6.

⁶⁸ Santana, 2008. P. 80.

⁶⁹ Ibid. P. 82.

⁷⁰ Santana, 2011. P. 6-7.

⁷¹ Santana, 2008. P.

de síntese entre o humanismo cristão, o existencialismo e o marxismo. O conceito-chave era o de socialismo com humanismo, crítico ao modelo do chamado socialismo real”.⁷² Ligavam “o cristianismo ao maoísmo”.⁷³

No entanto, assim como em outras regiões do Brasil, a AP passou a reestruturar suas linhas de ação devido ao golpe militar de 1964 e à repressão e perseguição aos militantes comunista. A reorganização também se estendeu ao estado de Santa Catarina.⁷⁴ A adesão às ideias maoístas surgiu da necessidade de uma luta direta contra o governo militar, na qual a população oprimida deveria juntar-se aos militantes comunistas, concretizando uma ideia de libertação nacional.

Dias aponta que a AP tomou como base as libertações nacionais em Cuba e na China, ocasião em que os militantes faziam referências aos textos de Che Guevara e de Mao Zedong. Durante o início da ditadura militar a linha cubana de luta foi mais presente na reorganização interna da AP, mas já no ano de 1967, foi decidido que a forma de luta de resistência aos militares seria conduzida com base nas ideias maoístas e da Revolução Chinesa.

A AP buscou aproximar-se bastante das ideias que estavam em circulação na China maoísta da Revolução Cultural. Como principais aspectos, pode ser apontada a expulsão de militantes que não concordavam com a adoção da linha chinesa de ação, resultando no descarte da “velha AP” para que a emergência da “nova AP” fosse possível.⁷⁵ A proletarianização dos militantes de origem burguesa ou pequeno-burguesa também foi adotada

⁷² Dias, 2009. P. 56.

⁷³ Santana, 2008. P 47.

⁷⁴ Dias, 2009. P. 55.

⁷⁵ Alusão às “sementes venenosas”, na China: as pessoas que discordavam parcialmente das diretrizes do PCCh, e podiam ser consideradas reformistas e contrarrevolucionárias, ou seja, ameaças para o avanço da revolução.

partindo dos moldes chineses: estes jovens deveriam ser enviados aos campos ou às fábricas para aprenderem o trabalho dos camponeses e dos operários.

Sobre a escolha específica da cidade de Maringá, Dias aponta dois fatores: a herança de luta dos trabalhadores rurais desta região, e o ambiente político favorável para a luta popular e camponesa, devido às condições sociais e econômicas do noroeste do estado.⁷⁶ Apesar do foco inicial ser a implantação do modelo chinês de luta camponesa, em Maringá, as ideias maoístas acabaram por atingir em maior escala os trabalhadores urbanos das fábricas, resultando na organização, em 1968, de uma greve operária que acabou por reverberar numa dimensão estadual.⁷⁷ A mobilização maoísta também influenciou os movimentos estudantis, e os trabalhadores bancários de Curitiba.⁷⁸

Um certo declínio ocorreu, no início dos anos 1970, devido a novas cisões internas nos partidos comunistas e nas organizações de luta dos trabalhadores e estudantes. Um dos motivos da exclusão de militantes foram desacordos quanto à adesão ao maoísmo, adotando também outras formas devido às necessidades, urgências, e, sobretudo, às peculiaridades da complexa realidade social brasileira, que não se encaixavam mecanicamente ao molde chinês.

Araguaia

A decisão dos dirigentes do renascido PCdoB de se distinguir do PCB (legalista, embora clandestino) definiu a opção precisamente pelo modelo chinês incluindo a luta armada. Como mencionado acima, houve dissensões, a vários

⁷⁶ Dias, 2009. P. 59.

⁷⁷ Ibid. P. 59.

⁷⁸ Os bancários e os estudantes também organizaram greves que tomaram as primeiras páginas dos jornais daquela época.

momentos, mas as circunstâncias da clandestinidade e falta de meios de comunicação protegidos não permitiram muitos debates,⁷⁹ na medida em que a grande maioria dos dirigentes como João Amazonas e Elsa Monnerat, para citar só dois dos mais eminentes, acreditavam que era o rumo adequado para o Brasil.

“A tomada do poder em 1949, no país mais populoso do mundo, teve origem em rebeliões camponesas ao longo de séculos. O PCdoB pretendia implantar um movimento armado no Brasil inspirado na experiência da China. Planejava abrir uma frente revolucionária no interior do País, incorporar as massas da área rural, criar um exército regular, envolver os trabalhadores urbanos e deflagrar uma guerra popular prolongada.”⁸⁰

Crimeia Almeida resume: a “luta armada era uma concepção baseada no maoísmo, que o campo cerca a cidade. Então, para mim estava claro que eu ia para o campo, para a luta armada”.⁸¹ De fato, os guerrilheiros permaneceram por muito tempo na região amazônica, pelo menos seis anos, antes do assalto final.

Escolha da área onde os ‘paulistas’⁸² se instalaram em 1966 foi justificada pela ideia de uma luta prolongada. O aspecto ermo da floresta amazônica era supostamente capaz de oferecer maior proteção, “confiando que os militares não se arriscariam na selva fechada (...) principalmente, acreditando que a população local iria compreender os motivos da luta e

⁷⁹ Santana cita vários textos, desde 1966, que reivindicam maiores debates sobre este assunto, advertindo contra “aventurismo”. Apud Santana, 2011, p. 2.

⁸⁰ Moraes e Silva 2005. P. 19.

⁸¹ Abreu e Lima, 2008. P. 207.

⁸² Nome dado genericamente pela população local aos militantes que chegavam efetivamente de fora da região, embora não apenas de São Paulo.

reforçaria o movimento”.⁸³

Um forte argumento era precisamente a miséria terrível das populações locais, muito longe do ‘Milagre brasileiro’ que poderia iludir muita gente nas grandes metrópoles: “Grande parte da população é analfabeta, escolas funcionam em condições precárias e professores não tem preparo nem material didático. Não há água tratada e muito menos redes de esgoto. (...) Os moradores padecem de verminose e deficiência de vitaminas. Há muitos casos de hanseníase e os camponeses nada sabem sobre a doença.”⁸⁴ Ademais assolavam a malária, leishmaniose, malnutrição levando a quadros muito graves, e a falta total de assistência médica. Crimeia Almeida descreve: “Era um submundo miserável, com toda a desgraça que eu conhecia do país, sobre a ditadura, e eu vivi aquelas manifestações de camponeses antes do Golpe, congresso de camponeses em Belo Horizonte, aquilo ainda conseguia ser pior. Era outro Brasil extremamente miserável.”⁸⁵

A presença do Estado, como em outros territórios rurais, era apenas na dimensão fiscal e repressiva. Crimeia Almeida se indigna frente à violenta ação da cobradora de imposto, circulando de barco e caçando os que negociavam suas pequenas produções na beira dos rios. Apoiada em homens armados, ela podia prender pessoas que ficavam presas até pagar o imposto e acrescenta “O que era mais chocante era a pessoa ser amarrada na mata para, na volta, pegar.” Se desamarrasse a pessoa assim maltratada, “ia responder para o delegado”.⁸⁶

As questões de classe, particularmente o acesso à terra e a regularização desta, eram tão centrais, numa região em que a

⁸³ Amorim, 2014. P. 40.

⁸⁴ Moraes e Silva, 2005. P. 311.

⁸⁵ Abreu e Lima, 2008. P. 208.

⁸⁶ Ibid. p. 212.

grilagem vigorava sem limites, que até o Ingra⁸⁷ se mobilizou junto ao exército para dar a impressão que teria solução aceitável pela maioria das populações locais, tirando assim a força do horizonte de Reforma Agrária proposto pela guerrilha.

“Xambioá é Canudos da floresta”⁸⁸

Vários militantes foram treinados na China, desde antes do Golpe militar.⁸⁹ Materiais didáticos eram utilizados a exemplo das regras do Exército Vermelho, posteriormente 8º Exército de Rota e 4º Novo Exército e finalmente Exército Popular de Libertação – uma chave essencial para entender o apoio de toda a população camponesa aos soldados, inclusive das mulheres.⁹⁰ “Da China, o PCdoB importou também princípios estabelecidos nas Três Principais Regras de Disciplina e nos Oito Pontos de Atenção – normas de comportamento revolucionário estabelecidas pelos comunistas liderados por Mao Tse-tung.”⁹¹

O Jornal do PCdoB, *A Classe Operária*, no seu dispositivo clandestino, também tirava documentos como um livreto *A Prática de Mao Tse-tung*.⁹² No recrutamento de novos

⁸⁷ Moraes e Silva, 2005. P. 312.

⁸⁸ Palmério Dória citado por Amorim, 2014. P. 11.

⁸⁹ Entre eles Miqueas Gomes de Almeida, o “Zezinho do Araguaia”: ele havia “apertado a mão de Mao Tsé-tung, que recebeu os comunistas brasileiros no aeroporto em Pequim.” Amorim, 2014. P. 345. Entre outros, Diniz Cabral Filho, André Grabois e Lincoln Cordeiro Oest e Osvaldo Orlando da Costa, o famoso dirigente Osvaldão. Gorender, 2003. P. 117. Palmeira declara: “Do meu ponto de vista, ‘Osvaldão’ talvez seja o Che Guevara do Araguaia. (...) uma figura planetária.” Apud Amorim, 2014. P. 325.

⁹⁰ Dabat, 2006.

⁹¹ Moraes e Silva, 2005. P. 36.

⁹² Ibid. P. 218.

militantes, “as conversas começavam com uma preleção de Amazonas sobre a área rural. O velho comunista falava da importância do campesinato para a revolução.”⁹³

O objetivo de arrolar o apoio e envolvimento da população local se traduziu pela criação da União Pela Liberdade e Pelos Direitos do Povo (ULDP), pensada como “ampla frente popular de mobilização pelo progresso e bem-estar da população”.⁹⁴ Osvaldão escreveu “Carta a um Amigo” distribuída na região em 1972.⁹⁵

Aliás, vários testemunhos mencionam a escuta de Radio Tirana como uma das tarefas dos militantes na selva,⁹⁶ além de emissora de Pequim (Beijing) em ondas curtas que “frequentemente, davam notícias sobre fatos ocorridos dias antes na guerrilha do Araguaia”.⁹⁷ Além de suscitar a surpresa dos militares brasileiros que não entendiam como as notícias chegavam tão longe, elas davam eco mundo afora sobre este movimento, similar a tantos outros que provocavam sentimentos de solidariedade por parte dos setores progressistas em todo o mundo. Antes das redes sociais, Rádio Tirana⁹⁸ e sua equivalente chinesa davam informações que permitiam alimentar esperanças comuns a muitos cidadãos do planeta, apesar da severa censura das autoridades brasileiras⁹⁹

⁹³ Ibid. P. 233.

⁹⁴ Ibid. P. 171.

⁹⁵ Ibid. P. 225.

⁹⁶ Ibid. P. 205.

⁹⁷ Ibid. P. 237.

⁹⁸ Aliás houve também estágios de formação na Albânia, como conta Espedito Rufino de Araújo. Mencionado como militante de Recife, atuando também no eixo Rio-São Paulo. Moraes e Silva, 2005. P.184. No momento da chacina da Lapa, João Amazonas encontrava-se precisamente em Tirana para discussões com Enver Hoxa.

⁹⁹ Circuitos paralelos permitiam certa circulação dos documentos produzidos pelo PCdoB “nas universidades e nos bastidores da Igreja Católica”. Ibid. P.265.

em cooperação com os meios de comunicação dominantes.¹⁰⁰

Segundo Amorim, o exemplo vietnamita era a chave para promover o sucesso do modelo, pois os membros do Vietminh e GRP haviam conseguido derrotar sucessivos adversários, inclusive ainda estavam lutando contra o mais poderoso, os Estados Unidos. O autor, no entanto, sublinha: era, para os camponeses vietnamitas, “um inimigo real que pisava em seus campos e confiscava seus animais e os frutos do trabalho”. Eram soldados japoneses, franceses e americanos que “falavam língua estrangeira. (...) Não era preciso explicar muita coisa para aqueles miseráveis que pegavam em armas.”¹⁰¹ Não era o caso no Brasil. A lealdade à pátria não poderia ser acionada, na medida em que todas as forças em presença eram compostas de brasileiros.

Se os primeiros embates armados foram desfavoráveis ao exército, a diferença de poderio militar terminou vencendo a coragem dos poucos militantes na selva e seus apoiadores locais. O “uso intensivo de oficiais de inteligência”, na Operação Papagaio, conseguiu semear “o pânico na área, rompendo os laços de simpatia da população com a guerrilha.”¹⁰² A proclamada distância do modelo do “foco guerrilheiro”, de tipo cubano, não fora, portanto, respeitada no planejamento militar comunista. Em vez da guerra em movimento, permaneceram numa área que foi circundada.

Como foi visto, era uma das principais críticas desde o planejamento do projeto – por parte de militantes da Ala Vermelha.¹⁰³ Foi também uma das constatações frente ao

¹⁰⁰ Uma exceção: o texto de Henrique Gonzaga Jr “Em Xambóia, a luta é contra guerrilheiros e atraso” no Estado de São Paulo, 24.09.1972, considerado um “cochilo da censura”, num domingo. Ibid. P. 285.

¹⁰¹ Amorim, 2014. P. 47.

¹⁰² Ibid. P. 225.

¹⁰³ Ibid, p. 1.

fracasso. A reunião que desembocou no ‘massacre da Lapa’¹⁰⁴ tinha esta avaliação como um ponto de pauta que os autores chamam de ‘polêmica entre dirigentes comunistas’: “Isolada no Araguaia, a guerrilha tomou as características de foco – modelo cubano de revolução (...) A formação de destacamentos revolucionários sem a prévia conscientização da população quanto aos objetivos do movimento guardava muitas semelhanças com os fracassos de Ernesto Guevara no Congo e na Bolívia, depois da vitória em Cuba. O PCdoB parecia repetir os mesmos equívocos, embora Arroyo¹⁰⁵ lembrasse o estreito relacionamento dos militantes com os moradores e alguns engajassem-se na luta armada contra o exército.¹⁰⁶

Quanto aos efetivos, há debates, particularmente quanto ao número de aliados na população local, que foi diminuindo com as novas táticas do exército. Avalia-se a uma centena de guerrilheiros e dez arrolados localmente. Morreram 75 pessoas no conflito, 58 guerrilheiros e 17 camponeses (números do PCdoB).¹⁰⁷

“Parte dos guerrilheiros do Araguaia foi morta em combate, mas a maioria foi presa e assassinada depois.”¹⁰⁸ Segundo o general Álvaro Pinheiro, “A ordem era não fazer prisioneiros e ‘neutralizar e eliminar o foco terrorista rural’.”¹⁰⁹ O pior foi que “o exército exterminou a guerrilha

¹⁰⁴ Em 16 de dezembro de 1976.

¹⁰⁵ Autor de um relatório que informava teoricamente a direção do partido. Amorim, 2014. P. 365-393.

¹⁰⁶ Moraes e Silva, 2005. P. 501.

¹⁰⁷ Amorim, 2014. P. 29. Sobre a contabilidade dos mortos, ver p. 215 e p. 257. O autor dá números muito maiores. No anexo, ele fornece pequenas biografias 457-483. Ver também os relatórios da Comissão da Verdade, nacional e das estaduais.

¹⁰⁸ Abreu e Lima, 2008. P. 214.

¹⁰⁹ Amorim, 2014. P. 233.

sem o conhecimento do PCdoB.”¹¹⁰ A questão das comunicações tornou muitas discussões e decisões entre dirigentes e militantes, pelo menos defasadas. Sem falar da traição que permitiu a queda da direção do PCdoB na Lapa.

Apesar da derrota final, a colaboração de parte da população foi decisiva para a prolongada permanência dos guerrilheiros.¹¹¹ Os militares avaliavam tão preocupante a ameaça que estes punhados de militantes ofereciam na selva amazônica que usaram das armas que os exércitos norte-americanos costumavam despejar sobre o povo vietnamita na mesma época: napalm e desfolhante. No país asiático, os efeitos nocivos são perceptíveis várias gerações a fio, como a Dra Hoa mostrou.¹¹² Os efetivos empregados também eram consideráveis, “a maior mobilização de combate do Brasil, após a Segunda Guerra Mundial, a custos inimagináveis, para enfrentar um improvável ‘inimigo interno’.”¹¹³

Maoísmo em todas suas manifestações e inspirações, mundo afora, foi muito maior do que o culto à personagem de Mao. Mais importante foi a cultura política que emergiu e se disseminou, suscitando iniciativas diversas no Brasil sob ditadura militar apoiada pelos Estados Unidos. A dimensão cultural foi muito importante, inclusive como fonte de renovação da tradição marxista que já não apelava mais para uma parte da juventude mobilizada. Na América Latina, e particularmente no Brasil, o exemplo da China sob a liderança do PCCh descortinou perspectivas que – se não se

¹¹⁰ Moraes e Silva, 2005. P. 515.

¹¹¹ Por exemplo, para informá-los sobre a importância e as movimentações da tropa. Naturalmente, houve também colaboradores (forçados ou não) do lado do exército.

¹¹² Ela mesmo perdeu um filho bebê durante a guerra. Danois, 1994.

¹¹³ Amorim, 2014. P. 37.

concretizaram – davam um sopro de liberdade na revolta que a brutalidade da ditadura suscitava.

Библиография / Referencias

- Abreu e Lima M.* Construindo o Sindicalismo Rural. Lutas, Partidos, Projetos. Recife: Editora Oito de Março, 2005.
- Abreu e Lima M.* Entrevista com Criméia Alice Schmidt de Almeida. // *Clio*. N. 26.1, 2008, pp. 171-190.
- Abreu e Lima M.* Um ano memorável de lutas e conquistas: trabalhadores urbanos de Pernambuco em 1963. // *Cadernos de História da UFPE*, Vol. 10, N. 10, 2014, pp. 16-32.
- Amin S.* O futuro do maoísmo. São Paulo: Vértice, 1986.
- Amorim C.* Araguaia. Histórias de amor e guerra. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- Aricó J.* O marxismo latino-americano nos anos da Terceira Internacional. // *História do Marxismo*, V. VIII. O Marxismo na Época da Terceira Internacional: o Novo Capitalismo, o Imperialismo, o Terceiro Mundo. Ed Hobsbawm, Eric. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, pp. 419-459.
- Barlow T.* Semifeudalismo, Semicolonialism. // *Afterlives of Chinese Communism / Sorace C., Franceschini I., Loubere N.* (Eds). Acton: ANU Press and Verso Books, 2019, pp. 237-241.
- Bernal M.* Mao e a revolução chinesa. // *História do Marxismo*, V. VIII. O Marxismo na Época da Terceira Internacional: o Novo Capitalismo, o Imperialismo, o Terceiro Mundo. Ed Hobsbawm, Eric. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, pp. 375-417.
- Bettelheim C., Charrière J., Marchisio H.* A construção do socialismo na China. Porto: Portucalense, 1971.

Blaut J.M. The Colonizer's Model of the World: Geographical Diffusionism and Eurocentric History. New York: Guilford Press, 1993.

Clark P. The Chinese Cultural Revolution: A History. Cambridge U.P. 2008.

Cunha E.C. G. da S., Silva J.C.B., Silva R.T.C. Três narrativas sobre a presença do Pequeno Livro Vermelho de Mao Tsé-tung na resistência à ditadura militar, no Recife // Cadernos de História da UFPE. n. 12, v. 12, 2017. P.120-150.

Dabat C.R. Notas sobre a transferência dos conceitos de 'feudalismo' e de 'modo de produção feudal' aplicados a regiões não-européias. // Cadernos de Estudos Sociais do IPS-FJ. Recife: Massangana, vol. 11 n. 2, 1995. Pp.199-228.

Dabat C.R. Linhagens literárias na representação negativa do campesinato. // História, Cultura, Trabalho: questões da contemporaneidade. / Montenegro A.T., Guimaraes Neto R.B., Acioli Vera L. C. (Orgs). Recife: EDUFPE, 2011, p. 153-175.

Dabat C.R. Os Primórdios da Cooperativa agrícola de Tiriri. // Clio, v. 23, 2007 p.129 – 169.

Danois J. Moisson fragile. Les enfants du docteur Hoa. Paris: Fayard, 1994.

Dias R.B. O maoísmo da Ação Popular e sua intervenção no Noroeste do Paraná. 60 anos da Revolução Chinesa. // Revista Espaço Acadêmico, Nº 101, Out. 2009.

<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/index>

Etiemble R. L'Europe chinoise. De la sinophilie à la sinophobie. Paris: Gallimard, 1989.

Gallindo J.F.R. O trotskismo no campo em Pernambuco: o Jeremias das caminhadas. Recife: PPGH UFPE, 2010.
<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7876>

- Gernet J.* Le monde chinois. Paris: A. Colin, 1972.
- Gorender J.* Combate nas Trevas. São Paulo: Ática, 2003.
- Jiang Qing.* On the Revolution in Peking Opera (Tan Jingju Geming). Speech from the Plenary Discussion with Performers after the Modern Peking Opera Trial Performance Convention in Beijing, July 1964. Translated by Jessica Ka Ye Chan.
- Longobardi A.P.* The Workers University in the Chinese Cultural Revolution (A Universidade dos Trabalhadores na Revolução Cultural Chinesa). São Paulo: USP, 2018.
- Lowe D.M.* The function of "China" in Marx, Lenin, and Mao. Berkley: Univ. of Calif. Press, 1966.
- Mello C.* The Cinema of Jia Zhangke: realism and memory in Chinese Film. Bloomsburry Academic, 2019.
- Morais T., Silva E.* Operação Araguaia. Os arquivos secretos da guerrilha. São Paulo: Geração Editorial, 2005.
- Paes M.H.S.* A década de 60: Rebeldia, contestação e repressão política. São Paulo: Ed. Ática, 1995.
- Reis Filho D.A.* Entre Reforma e Revolução: a Trajetória do Partido Comunista do Brasil entre 1943 e 1964. // História do Marxismo no Brasil. Vol. 5. Partidos e organizações dos anos 20 aos 60. / Ridenti, Marcelo e Reis Filho, Daniel Aarão. São Paulo: UNICAMP, 2002, pp. 69-102.
- Reis Filho D.A.* O Maoismo e a Trajetória dos Marxistas Brasileiros // História do Marxismo no Brasil. Vol. 1. O impacto das Revoluções. / Ridenti, Marcelo e Reis Filho, Daniel Aarão. São Paulo: UNICAMP, 2002, pp. 183-223.
- Ribeiro J.L.F.* Entre a China e o Brasil: o pensamento maoista e a Revolução Chinesa no Partido Comunista do Brasil na década de 1950. // ANPUH, XXV Simpósio Nacional de História – Fortaleza, 2009.
- Rist G.* Le développement. Histoire d'une croyance occidentale. Paris: Presses de Sciences Politiques, 1997.
- Rupar B.* A emergência do maoismo na Argentina: uma

- aproximação através da Vanguarda Comunista e o Partido Comunista Revolucionário. Rio de Janeiro, UFF. 2016.
- Santana C.S.* O Maoísmo na Esquerda Brasileira: a trajetória do Partido Comunista do Brasil - Ala Vermelha. // Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.
- Santana C.* Maoísmo na Bahia (1967-70). Salvador: UFB, 2008.
- Snow E.* Alborada de la Revolución en Asia. Un testimonio personal de la historia contemporánea. México: Fondo de cultura económica, 1978.
- Afterlives of Chinese Communism. / Sorace C., Franceschini I., Loubere N. (Eds). Acton: ANU Press and Verso Books, 2019.
- Tharoor S.* An Era of Darkness. The British Empire in India. New Dehli: Aleph Book Company, 2016.
- Vukovich D.F.* Mao Zedong and Maoism. // The Encyclopedia of Postcolonial Studies. / RAY, Sangeeta et al. (Ed). Blackwell Publishing, 2016.